

CARAMBAIA

Autores

Ivan Turguêniev

E. T. A. Hoffmann

Luigi Pirandello

Robert Louis Stevenson

M. R. James

Émile Zola

Washington Irving

Horacio Quiroga

Leonid Andréiev

João do Rio

Virginia Woolf

Humberto de Campos

Edith Wharton

Charles Nodier

Leopoldo Lugones

Medeiros e Albuquerque

Emilia Pardo Bazán

Edgar Allan Poe

Guy de Maupassant

Tradução

Ari Roitman

Fábio Bonillo

Ivone Benedetti

Maria Aparecida Barbosa

Maurício Santana Dias

Paula Costa Vaz de Almeida

Paulina Wacht

Tamara Sender

Seleção e posfácio

Alcebíades Diniz

O CACHORRO 7
Ivan Turguêniev

NOTÍCIA DE UM
HOMEM CONHECIDO OU
O DIABO EM BERLIM 29
E. T. A. Hoffmann

O SOPRO 39
Luigi Pirandello

JANET, A TRONCHA 57
Robert Louis Stevenson

O ÁLBUM DO
CÔNEGO ALBERICO 73
M. R. James

UMA JAULA DE
ANIMAIS FEROSOS 91
Émile Zola

O DIABO E TOM WALKER 101
Washington Irving

O ARAME FARPADO 121
Horacio Quiroga

A PAZ 137
Leonid Andréiev

PAVOR 149
João do Rio

A MULHER NO ESPELHO –
UMA REFLEXÃO 157
Virginia Woolf

O JURAMENTO 167
Humberto de Campos

A PLENITUDE DA VIDA 175
Edith Wharton

O PACTO INFERNAL –
PEQUENO ROMANCE 191
Charles Nodier

O ESPELHO NEGRO 201
Leopoldo Lugones

O SOLDADO JACOB 209
Medeiros e Albuquerque

IRMÃ APARICIÓN 217
Emilia Pardo Bazán

UM SONHO 225
Edgar Allan Poe

ENSAIO – ADEUS,
MISTÉRIOS 231
Guy de Maupassant

POSFÁCIO 239
Alcebíades Diniz

O cachorro
Ivan Turguêniev

Título original
Собака [1864]

Tradução
Paula Costa
Vaz de Almeida

– MAS, SE ADMITÍSSEMOS A POSSIBILIDADE DO SOBRENATURAL, a possibilidade de sua interferência na vida real, caberia, então, perguntar que papel desempenharia, depois disso, o bom senso – propôs Anton Stepanitch e cruzou os braços.

Anton Stepanitch ocupara um cargo de conselheiro de Estado, servira em algum departamento obscuro e, impondo-se com uma voz firme e grave, apreciava ser tratado com respeito por todos. Tinha, como diziam os que o invejavam, “a cruz da Ordem de Santo Estanislau cravada na pele”.

– É perfeitamente possível – notou Skvoriévitch.

– Contra isso ninguém argumentará – acrescentou Kinariévitch.

– Estou plenamente de acordo – disse do seu canto, com uma vozinha de falsete, o dono da casa, Finoplentof.

– E eu admito que não poderia concordar mais, uma vez que comigo já se passou algo sobrenatural – se pôs a falar um homem de meia-idade, de estatura mediana, careca, com uma voz de contrabaixo, que estava sentado atrás do fogão e permanecera calado até aquele momento. Os olhos de todos os presentes voltaram-se para ele com curiosidade e desconfiança. Fez-se um silêncio.

O homem era um pequeno proprietário de terras de Kaluga, recém-chegado a Petersburgo. Serviu durante algum tempo nos hussardos, arruinou-se no jogo, aposentou-se e estabeleceu-se na aldeia. Os últimos ajustes econômicos haviam reduzido suas receitas, então partira para a capital em busca de um lugarzinho amigável. Não tinha nenhuma habilidade especial nem conhecidos importantes; mas tinha muita esperança na amizade de um antigo companheiro de serviço que de repente, sem nenhum motivo aparente, se tornou uma pessoa importante, e a quem o pequeno proprietário ajudara pegando

IVAN TURGUÊNIEV (1818-1883) foi um dos expoentes do realismo russo em suas múltiplas vertentes narrativas (conto, romance, drama), ao lado de nomes como Dostoiévski ou Tolstói. Seu romance *Pais e filhos* (1862), reconhecidamente uma obra-prima, ainda é continuamente relançado.

O conto *O cachorro* foi escrito em Paris, entre 3 e 5 de abril de 1864, e foi publicado na revista *Epokha*, então editada por Dostoiévski, em 1866.

um trapaceiro. Além disso, confiava em sua sorte – e ela não tinha mudado; em alguns dias assumiria a posição de supervisor de uma loja oficial, uma posição privilegiada e que não exigia grandes talentos: a própria loja existia apenas como especulação e ainda não estava muito claro do que iria se ocupar, mas eles haviam inventado um novo tipo de economia administrativa.

Anton Stepanitch interrompeu a apatia geral.

– E então, meu caro senhor! – começou ele –, é verdade quando o senhor diz que viveu algo sobrenatural, quero dizer, algo que não está de acordo com as leis da natureza?

– Sim, sim, é verdade – sustentou o “caro senhor”, cujo nome era Porfíri Kapitonitch.

– Que não está de acordo com as leis da natureza! – repetiu com entusiasmo Anton Stepanitch, que, pelo visto, apreciara a frase.

– Pois justamente... tal qual o senhor se dignou definir.

– Extraordinário! E o que os senhores acham? – Anton Stepanitch tentou imprimir traços irônicos à sua expressão, mas não teve esse efeito e, sinceramente, pareceu apenas que o senhor conselheiro de Estado tinha sentido um mau cheiro. – Eu o incomodaria, meu caro senhor – continuou, dirigindo-se ao proprietário de terras de Kaluga –, se lhe pedisse que nos desse detalhes desse curioso acontecimento?

– Incômodo nenhum! – respondeu o proprietário, que, sem cerimônia, caminhou até o centro da sala e começou a falar assim:

– Como deve ser do conhecimento dos senhores, ou talvez não, tenho uma pequena propriedade no município de Kozelsky. Eu costumava conseguir tirar dela algum proveito, mas agora, como se sabe, não me dá nada além de problemas, e prevê-los é impossível. Mas basta de política! Bem, nessa minha propriedade, há uma pequena

fazenda: uma horta, como de costume, um laguinho com peixinhos dourados, algumas construções, enfim, e uma casinha para repousar meu corpo pecador... Sou solteiro. Eis que, um dia, isso deve já fazer uns seis anos, retornei à minha casa bastante tarde: estava jogando cartas na casa de um vizinho, mas, além disso, nenhuma outra estripulia, como se diz; despi-me, deitei-me e apaguei a vela. E, imaginem os senhores, assim que apaguei a luz, algo começou a agitar-se embaixo de minha cama! Pensei: é um rato? Não, não é um rato: está se coçando, se remexendo, se roçando... Finalmente, abana as orelhas!

– Estava claro: era um cachorro. Mas de onde tinha vindo esse cachorro? Teria fugido de alguma casa? Chamo meu servo: “Filka!”. Ele vem com uma vela. “O que é isso?”, digo. “Meu irmão Filka, o que você foi aprontar? Tem um cachorro debaixo da minha cama!” “O quê, um cachorro?”, ele me responde. “E sou eu que devo saber?”, digo, “esta é sua função, Filka: garantir que seu senhor não seja incomodado”. Meu Filka curvou-se e iluminou debaixo da cama. “Aqui não tem cachorro nenhum.” Curvei-me também: de fato, não havia cachorro algum. Mas que enigma era aquele? Olhei para Filka, que sorria. “Imbecil”, digo a ele, “por que tanto mostra os dentes? Na certa, quando você abriu a porta, ele aproveitou e escapuliu pela frente. E você, um cabeça de vento, não percebeu porque está sempre dormindo. Ou você acha que estou bêbado?”. Ele ensaiou argumentar, mas eu o dispensei, acomodei-me novamente e naquela noite não ouvi mais nada.

– Mas, na noite seguinte – imaginem vocês! –, repetiu-se o mesmo. Assim que apaguei a vela, de novo começou a se coçar, de novo abanou as orelhas. De novo chamei Filka, de novo ele olhou sob a cama e de novo: nada! Eu o dispensei, apaguei a vela e – diabos! – o cachorro continuava ali. E tem mesmo um cachorro: dá para ouvir como res-

pira, como range os dentes, como caça pulgas... É tão claro! “Filka”, chamo, “venha aqui sem a vela!”. Ele foi. “E então, está ouvindo?”, digo. “Estou”, ele diz. Assim como eu, ele não via nada, mas pude sentir que estava um tanto apavorado. “Como você interpreta isso?”, pergunto. “E como o senhor quer que eu interprete, Porfíri Kapitonitch? É uma assombração!” “Lave sua boca para falar de assombrações, patife...” Ambos falávamos fino como passarinhos e, no escuro, tremíamos feito vara verde. Acendo a vela: nada de cachorro, nada de barulho – apenas nós dois, Filka e eu, brancos como a neve. Assim a vela ardeu até a manhã seguinte. E o que vos digo, senhores, acreditem em mim ou não, é que a partir daquela noite, no decorrer de seis semanas, essa mesma história se repetiu comigo. Por fim, acabei me acostumando com aquilo, e a vela ficava apagada, já que não durmo com claridade. “Deixe que brinque, afinal, não está me fazendo mal!”, eu pensava.

– Vê-se que o senhor não é nenhum covarde – interrompeu com um sorriso tão sarcástico quanto condescendente Anton Stepanitch. – Temos aí realmente um hussardo!

– De alguém como o senhor eu não teria medo em situação nenhuma – proferiu Porfíri Kapitonitch, e por um momento pareceu-se realmente com um hussardo. – Mas ouçam o que vem a seguir. Tenho um vizinho, aquele com quem eu jogava cartas, que apareceu para jantar e, muito providencialmente, deixou-me 50 rublos pela visita; a noite avançava, já era hora de partir. Mas eu tinha um plano. “Fique”, disse a ele, “passe a noite em minha casa, Vassíli Vassílitich; amanhã, se Deus quiser, você terá a sua revanche”. Vassíli Vassílitich considerou, reconsiderou e acabou ficando. Solicitei então que pusessem uma cama de solteiro para ele em meus aposentos... Bom, deitamos, fumamos, falamos sobre mulheres, como acontece entre dois solteiros, e rimos, é claro; olhei para Vassíli Vassílitich e o vi apa-

gando sua vela e virando as costas para mim, como se dissesse: boa noite. Esperei um pouquinho e também apaguei a minha. E passei um tempo imaginando: “Como é que essa farsa vai se desenrolar agora? Como será quando minha doce criatura se apresentar para ele?”. E ela logo apareceu: saiu de debaixo da cama, caminhou pelo quarto, arranhou o chão, abanou as orelhas e, de repente, foi como se estivesse empurrando a cadeira para perto da cama de Vassíli Vassílitich! Então ele disse assim, com uma voz indiferente: “Porfíri Kapitonitch, eu não sabia que você adquirira um cachorro. De que raça seria, um *setter*?”. Ao que respondi: “Eu não tenho nem nunca tive cachorro!”. “Como não? E isso é o quê?”, “O que é *isso*? Acenda a vela e descubra por si mesmo”, disse eu. “Não é um cachorro?” “Não.” Vassíli Vassílitich virou-se. “Isso é alguma piada, seu diabo?” “Não, não é piada.” Ouço-o riscar um fósforo, e o tal, o tal vai se acalmando, coça a barriga com a pata. Faz-se a luz... e acabou! Nem sinal! Vassíli Vassílitich olha para mim, e eu fito seus olhos. “Isso é um truque?”, ele me pergunta. “É um tipo de truque que mesmo que você ponha de um lado Sócrates e, de outro, Frederico, o Grande, eles não seriam capazes de desvendar”, respondo. E, então, logo o deixei a par de todos os detalhes. Como se agitava meu Vassíli Vassílitich! Era como se estivesse em brasa! Mal conseguiu calçar as botas. “Os cavalos!... os cavalos!” Tentei acalmá-lo de algum modo! Mas ele se sobressaltava ainda mais. “Não fico aqui nem mais um minuto!”, gritava. “Você, depois disso, deve ser um homem amaldiçoado! Os cavalos!...”, me dizia. Mas eu o dissuadi, transferindo sua cama para outro cômodo e deixando as lamparinas acesas a noite toda. De manhã, na hora do chá, ele já tinha se restabelecido; pôs-se a me dar conselhos: “Você deveria, Porfíri Kapitonitch, tentar ficar uns dias longe de casa: quem sabe essa abominação não o deixa”. E é preciso dizer: esse homem – o

meu vizinho – era um homem com um intelecto fenomenal! Lidava com sua sogra de um modo maravilhoso: ele lhe passara letras de câmbio, o que significa que escolheu o momento mais sensível! Ela se tornou uma seda; deu-lhe uma procuração para gestão de todos os seus bens – e o que mais? Pois isso é um feito, enrolar a própria sogra, hem? Julguem por vocês mesmos. Contudo, partiu com certo desgosto: mais uma vez, eu havia ganhado dele uma centena de rublos. Até brigou comigo; disse que eu era um mal-agrado, que não tinha sentimentos. Mas era minha culpa? Bom, seja como for, levei seu conselho em consideração: no mesmo dia parti para a cidade e me instalei em uma estalagem de um antigo conhecido dos dissidentes. Era um senhor muito honrado, apesar de um pouco seco em virtude da solidão: toda a sua família havia morrido. Apenas não suportava o tabaco e sentia pelos cães uma enorme ojeriza; diziam que, por exemplo, caso concordasse com que um cachorro entrasse em um cômodo, imediatamente estaria a léguas de distância! “Porque como seria possível uma coisa dessas!”, ele dizia. “Se, na minha antessala, a Nossa Senhora que está na parede desse o ar de sua graça, e ali mesmo um maldito cão se instalasse com seu ímpio focinho.” Sem dúvida, seria uma falta de educação! Ademais, sou da seguinte opinião: a quem foi dada a sabedoria, que a mantenha!

– Ora, estou vendo que o senhor é um grande filósofo – novamente, e com aquele mesmo sorriso, interrompeu Anton Stepanitch.

Porfíri Kapitonitch dessa vez franziu a testa.

– Que tipo de filósofo ainda não se sabe – disse mal-humorado, contorcendo o bigode –, mas, se desejar, posso de bom grado dar ao senhor uma aula de filosofia.

Todos nós olhamos fixamente para Anton Stepanitch; esperávamos uma resposta à altura ou pelo menos um

olhar fulminante... Mas o senhor conselheiro de Estado converteu seu sorriso de desdém em indiferença e, depois, bocejou, cruzou as pernas e mais nada!

– E assim me estabeleci na casa do velhinho – continuou Porfíri Kapitonitch. – O quarto que ele me cedeu, pela amizade, não era dos melhores. O dele próprio era próximo, do outro lado de um biombo, e era apenas disso que eu precisava. Contudo, que momentos de agonia enfrentei aquela noite! O cômodo era pequeno, quente, sufocante, com moscas, um tanto pegajoso; no canto, um excêntrico altar com alguns ícones e mantos sombrios cobrindo-os; cheirava a óleo e a algumas especiarias; na cama, duas mantas; ao mover o travesseiro, vi correr uma barata... em virtude do tédio, eu já havia bebido uma quantidade inacreditável de chá – um chá simplesmente horrível! Fui para a cama, mas era impossível dormir. Atrás do biombo, o anfitrião suspirava, murmurava, lia em silêncio. E, entretanto, eu finalmente me acalmei. Ouço: começou a rressonar, sim, vagarosamente, à moda antiga, de modo polido. A vela eu apagara fazia tempo, apenas a lamparina diante do ícone ardia... Um incômodo, quer dizer! Levante-me bem devagarinho, na ponta dos pés; agache-me diante da lamparina e assopro... Nada. “Ufa! Significa que aquela coisa não veio...” Mas tinha ido sim, e foi só cair na cama que novamente soou o alarme! E coça, roça, abana as orelhas... bom, como era de esperar! Muito bem. Levante, espero: o que vem a seguir? Ouço: o velhinho se levanta. “Senhor, senhor?”, diz. “Pois não?” “O senhor apagou a lamparina?” E, sem esperar minha resposta, começou a praguejar: “O que é isso? O quê? Um cão? Um cão! Ah, seu maldito nikoniano¹!”. Eu disse a ele: “Pare

1 Maneira pela qual os ortodoxos se referiam aos dissidentes, os seguidores do patriarca Nikon (1605-1681). [N.T.]

de ralhar, meu velho, é melhor que o senhor mesmo venha aqui. Acontecem coisas realmente dignas de admiração”. O velho saiu de trás do biombo e aproximou-se de mim com um toquinho de vela de cera amarela; fiquei surpreso ao olhá-lo! Ele estava todo desgrenhado, orelhas peludas, olhos vidrados, como os de um furão; na cabeça, uma toquinha branca de feltro, a barba, também branca, até a altura da cintura, um colete com botões de cobre sobre a túnica, nos pés, botas de couro – e exalava um cheiro de zimbros. Aproximou-se dessa forma dos ícones, persignou-se três vezes com o dedo em figa, acendeu a lamparina, persignou-se novamente e, voltando-se para mim, apenas resmungou: “Explique-se!”. E então eu, sem hesitar, fiz-lhe um relato detalhado. O velho ouvia toda a minha explicação sem pronunciar sequer uma palavra: apenas balançava a cabeça. Sentou-se, depois, em minha cama e permaneceu calado. Coçou o peito, a nuca, entre outras partes, e continuou calado. “E então, Fedul Iványtch, o que o senhor supõe? Tratar-se-ia de uma assombração?”, perguntei. O velho me olhou. “O que eu suponho?! Assombração! Só se for na sua casa, que é um botequim, não aqui! Você ainda não percebeu que este é um lugar sagrado?! Uma assombração, só porque você quer!” “Se não é uma assombração, é o quê, então?” O velho calou-se novamente; novamente, coçou-se e, afinal, falou de um modo abafado, pois o bigode cobria-lhe a boca: “Vá para a cidade de Beliov. Se há um homem que pode ajudá-lo como ninguém mais, esse homem vive em Beliov, é um dos nossos. Se ele quiser ajudá-lo, será sua glória; se não, nada mais pode ser feito”. “E como eu encontro este homem?”, perguntei. “Posso lhe passar as instruções”, respondeu e emendou: “Mas como isso pode ser uma assombração? Trata-se de uma aparição, ao menos um sinal; mas você não está à altura de entender isso, está

além da sua compreensão. Agora, volte a dormir, com a graça de Cristo, Nosso Senhor; vou acender um incenso; *de manhã cedo* conversamos. De manhã, pois, você sabe, a noite é a melhor conselheira”.

Bem, e nós conversamos *de manhã cedo* – apesar de eu quase ter morrido sufocado pelo incenso. E eram estas as instruções do velho para a tal propriedade: ao chegar a Beliov, que eu fosse até a praça do mercado e, na segunda loja à direita, perguntasse por um tal de Prokhoritch; ao encontrar o tal Prokhoritch, deveria entregar-lhe um bilhete. E esse bilhete consistia em um pedaço de papel no qual se lia o seguinte: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Para Serguei Prokhoritch Pervushin. Confie neste homem. Feoduli Ivánovitch”. E, abaixo: “Envio repolhos, louvado seja Deus”.

Agradei ao velho e, sem mais delongas, ordenei que preparassem a carruagem e me dirigi para Beliov. Porque, assim eu ponderei, embora, ao que parecesse, o meu visitante noturno não me trouxesse nenhum sofrimento, ainda assim era macabro, e, finalmente, não pareceria bem para um nobre e oficial – o que lhes parece?

– E o senhor realmente foi a Beliov? – sussurrou o sr. Finoplentov.

– Direto e reto para Beliov. Fui à praça do mercado e perguntei por Prokhoritch na segunda loja à direita. “Saberia me dizer onde encontro esse homem?” “Saberia”, responderam. “E onde ele mora?” “No Oká, nas plantações.” “E em qual casa?” “Na dele.” Fui ao Oká e encontrei sua casa, ou, melhor, não era propriamente uma casa, mas sim um casebre. Avistei um homem de vestes azuis com remendos e um chapéu esfarrapado, aparentemente um tipo de trabalhador; estava de costas para mim e cavoucava os repolhos. Fui até ele. “Por acaso você é o fulano de tal?” Ele se virou – e eu posso, de fato, assegurar-lhes: olhos sagazes

como aqueles jamais voltei a ver, apesar de seu rosto parecer um punho, apesar do cavanhaque e do fato de faltarem-lhe todos os dentes. Era um homem velho. “Sou o fulano de tal”, ele respondeu, “*do que* o senhor precisa?”. Entreguei-lhe o bilhete: “Aqui está *o que* preciso”. Ele me olhou atentamente e depois disse: “Vamos entrar; não consigo ler sem os óculos”. Assim, entramos em sua cabana – era precisamente uma cabana: pobre, vazia, miserável; o essencial para se manter. Na parede, um ícone antigo feito a mão, preto como carvão: apenas o branquinho dos olhos luziam. Pegou na mesinha uns óculos redondos de aro de ferro, pôs sobre o nariz, leu o bilhete através dos óculos, olhou-me novamente. “Você está precisando de mim?” “De fato, estou.” “Bem”, ele disse, “se está, então conte e eu ouvirei”. E imaginem vocês: ele sentou-se, tirou um lenço xadrez do bolso, ajeitou-o sobre os joelhos – o lenço estava todo esburacado –, olhou para mim com muita dignidade, como se fosse algum senador ou ministro, e não me convidou para sentar. E o que é mais surpreendente: senti de repente que estava tão aterrorizado, mas tão aterrorizado... que era como se meu coração fosse sair pela boca. Ele me atravessava com os olhos, completamente! Contudo, eu me recuperei e contei-lhe toda a minha história. Ele continuou calado por mais algum tempo, contorceu-se, mordeu os lábios, e então me perguntou, novamente como um senador, sem se apressar: “Qual é o seu nome? Idade? Pai e mãe? Solteiro ou casado?”. Depois ele mordeu os lábios novamente, franziu a testa, apontou e disse: “Curve-se diante do ícone dos santos, dos justos, veneráveis santos Zosima e Savatti de Solovki”. Eu me prostrei no chão e dali não me levantei, tal era meu medo daquele homem e tamanha minha submissão a ele; parecia não haver o que ele ordenasse que eu não obedecesse imediatamente!... Sim, senhores, estou vendo que riem, e eu também ria, até então.

“Levante-se, senhor”, disse ele, afinal. “É possível ajudá-lo. Não lhe enviaram um castigo, mas um aviso; isso quer dizer que há alguém cuidando do senhor; e é bom saber que há alguém rezando por você. Vá agora mesmo ao mercado, compre um cachorro filhote e mantenha-o o tempo todo consigo – dia e noite. Suas visões desaparecerão e, além disso, esse cachorro lhe será de grande valia.”

– De repente me senti iluminado por essa luz: oh, como me delicieei com essas palavras! Inclinei-me em direção a Prokhoritch e estava prestes a sair quando me dei conta de que era preciso agradecer-lhe, então peguei da carteira uma nota de 3 rublos. Ele apenas afastou minha mão e disse: “Dê aos pobres necessitados em nossa capela, esse não é um serviço pago”. Inclinei-me novamente – quase até sua cintura – e sem demora parti para o mercado. E imaginem: tão logo me aproximo das lojas, vem ao meu encontro um homem vestindo um capote de lã, trazendo nos braços um filhote de *setter*, de 2 meses, focinho branco e patas da frente também brancas. “Espere! Quanto quer pelo cachorro?”, digo ao homem de casaco. “Dois rublos.” “Tome três!” Ele ficou surpreso, deve ter pensado que tinha enlouquecido – mas acenei com a nota em sua cara, tomei o filhote nos braços e fui para a carruagem! O cocheiro tocou os cavalos com energia e naquela mesma noite eu já estava em casa. O filhotinho passou a viagem inteira no meu colo e nem sequer fez barulho; eu falava com ele o tempo todo: “Tesourinho! Tesourinho!”. Logo eu tinha lhe dado de comer, de beber, pedi que trouxessem palha, fiz sua cama e fui também para a cama! Apaguei a vela: fez-se a escuridão. “Então”, digo, “comece!”. Silêncio. “Comece”, eu digo, “Fulano e Beltrano!”. Nem um pio, como se zombasse de mim. Comecei a desafiar, chamando pelos mais diversos nomes. Mas nenhum som como aqueles se ouvia. Ouvia-se apenas o filhote ressonando. “Filka!”, gritei, “Filka! Venha aqui,

seu estúpido!”. Ele veio. “Está ouvindo o cachorro?” “Não, não estou ouvindo nada, senhor”, disse ele, sorrindo. “E não ouvirá”, disse eu, “nunca mais! Tome um trocado para a vodca!”. “Por favor, deixe-me beijar sua mão”, dizia o tolo, rastejando no escuro diante de mim... O alívio me dava uma grande alegria.

– E é assim que tudo termina? – perguntou Anton Stepanitch já sem ironia.

– As aparições acabaram, e não tive mais tormentos. Mas esperem, que essa peça ainda não chegou ao fim. Meu Tesourinho cresceu e se tornou um belo animal. De rabo empinado, forte, orelha em pé e peito aberto – um verdadeiro cão de caça. E, além disso, apegou-se a mim extraordinariamente. A caça em nossa região é fraca – mas, de todo modo, já que eu tinha um cachorro, aconteceu também de obter uma arma. Comecei a passear com meu Tesouro pela vizinhança: uma vez ele me trouxe uma lebre (e como eu o incitei a correr atrás daquelas lebres, meu Deus!), e às vezes uma codorna ou um pato. Mas o mais importante: Tesouro seguia todos os meus passos. Aonde eu ia, lá estava ele; até mesmo no banho ele me acompanhava, juro! Uma vez, uma de nossas senhoras pediu que eu me retirasse da sala de estar por causa do Tesouro, e eu me ergui feito um trovão: quebrei um de seus vidros! Bem, até que um dia, era verão... E, digo aos senhores, era uma seca tal como ninguém se lembrava de já ter visto; não era fumaça que havia no ar, não era uma névoa, cheirava a queimado, a fuligem, o Sol era como um núcleo incandescente, e havia tanta poeira que o nariz não parava de escorrer! As pessoas andavam com a boca aberta, como corvos. Eu estava entediado em casa, sentado, completamente *déshabillé*², com as persianas fechadas; de repente,

o calor começou a ceder... E eu saí, meus senhores, para visitar uma de minhas vizinhas. Essa vizinha vivia a 1 versta de mim – e era uma dama muito benevolente, para ser preciso. A juventude ainda florescia em suas primaveras e sua aparência era das mais amigáveis; apenas seu temperamento era instável. Sim, em se tratando do sexo feminino, isso não é nenhum desastre; até suscita prazer... Eis então que eu me encontrava em sua soleira, e sentia tanta sede que era como se a viagem tivesse sido salgada! Mas, pensava, Nimfodora Siemiónovna me recepcionaria com água de cereja e outras refrescâncias – e já estava prestes a tocar na porta quando de repente, da direção de uma isbá, se ouvem passos, choro e gritos de meninos. Eu olho. Oh, Senhor meu Deus! Surge na minha direção uma enorme fera ruiva que, ao primeiro olhar, nem sequer reconheci como sendo um cachorro: a boca escancarada, os olhos sangrentos, o pelo eriçado... Não tive tempo nem de recobrar a respiração, o monstro pulou na soleira, levantou-se nas patas traseiras e veio diretamente em meu peito – que tal a situação? Congelei de medo e não podia nem erguer os braços, estava completamente aturdido... via apenas as terríveis presas brancas diante do meu nariz, a língua vermelha espumando. Mas, no mesmo momento, um corpo escuro surgiu diante de mim, como um ratinho – era o meu amado Tesouro, que veio atrás de mim; como um sanguessuga, grudou na garganta da fera! Ela arquejou, rosnou, recuou... Abri de uma vez a porta e já estava na antessala. Apoiei com todo o meu peso na fechadura enquanto na soleira, ouvi, se travava uma batalha desesperada. Pus-me a gritar, a chamar por ajuda; todos na casa alarmaram-se. Nimfodora Siemiónovna chegou correndo, com a trança desfeita e, no pátio, em meio a tumulto de vozes, de repente ouviu-se: “Prendam, prendam, fechem os portões!”. Abri um pouco a porta para dar uma olhada:

2 À vontade. No original, em francês transliterado para o russo. [N.T.]

a fera não estava mais na soleira, as pessoas corriam desorientadas pelo pátio, balançavam os braços, levantavam os troncos do chão – como se estivessem enlouquecidas. “Para a aldeia! Foi para a aldeia!”, berrou uma vovó usando um enfeite desproporcional sobre a cabeça, debruçada em uma trapeira. Saí da casa. “Alguém sabe dizer onde está meu Tesouro?”, e imediatamente surgiu meu salvador. Ele entrou pelo portão, mancando, todo mordido, ensanguentado... “E o que era aquilo, afinal?”, perguntei às pessoas, mas elas rodavam feito loucas pelo quintal. “Um cachorro louco!”, responderam-me. “Pertence ao conde. Desde ontem está rondando por aqui.”

– Nós tínhamos como vizinho um conde, que trouxera de além-mar cachorros terríveis. Meus joelhos tremiam, e corri até um espelho para ver se tinha sido mordido. Não, graças a Deus, nada se via; apenas o meu rosto, como vocês podem imaginar, estava verde de pavor; Nimfodora Siemiónovna estava deitada no divã e cacarejava feito uma galinha. Sim, entendia-se: em primeiro lugar, os nervos, em segundo, a sensibilidade. E, contudo, veio até mim e perguntou-me de modo lânguido se eu havia sobrevivido. Respondi que sim, e que Tesouro fora o meu salvador. “Ah, que nobreza! E você acha que aquele cachorro louco o sufocou?”, disse ela. “Não”, eu disse, “não sufocou, mas machucou bastante”. “Ah, nesse caso então será preciso sacrificá-lo agora mesmo!”, ela disse. “Não, não concordo; vou tentar curá-lo...”, respondi. Nesse momento, Tesouro começou a arranhar a porta; levantei-me para abri-la. “Ah, não faça isso! Ele vai nos devorar a todos!”, ela disse. “Perdoe-me, mas o veneno não age tão rápido assim.” “Mas não é possível”, dizia ela, “você só pode ter enlouquecido!”. “Nimfotchka, acalme-se, recobre sua razão...” Mas ela de repente começou a gritar: “Saia, saia agora mesmo com seu cachorro nojento!”. “Sim, eu vou”,

respondi. “Imediatamente!”, disse ela, “retire-se, ladino, e nunca mais olhe nos meus olhos! Você só pode ter enlouquecido!”. “Muito bem”, eu disse, “apenas me dê uma carruagem, pois agora estou com receio de ir a pé para casa”. “Dou, dou-lhe uma carroça, uma diligência, uma carruagem, o que você quiser, só desapareça o mais rápido possível. Ah, e que olhos! Ah, que olhos ele tem!” E com essas palavras abandonou o quarto, esbofeteou uma dama que encontrou pelo caminho e, pude ouvir, novamente começaram os ataques. E, senhores, acreditem vocês em mim ou não, desde esse mesmo dia Nimfodora Siemiónovna e eu rompemos a nossa amizade; e, depois de uma avaliação criteriosa de todas as coisas, não posso deixar de acrescentar que, devido àquele fato, devo expressar gratidão ao meu amigo Tesouro até minha lápide. Bem, pedi que trouxessem a carruagem, acomodei nela o Tesouro e partimos para casa. Em casa, examinei-o, lavei seus ferimentos e então pensei: “Amanhã, ao raiar do dia, levarei meu Tesouro ao curandeiro do distrito de Iefremov”. Esse curandeiro é um velho mujique, extraordinário: ele murmura sobre a água, e alguns acreditam que ele coloca nela saliva de serpente, então, você bebe e a moléstia desaparece completamente. A propósito, ponderei, eu mesmo farei uma sangria em Iefremov: é bom contra o medo; e não uma sangria pelo braço, mas pela cavidade.

– E onde é isso, essa cavidade? – perguntou com uma curiosidade tímida o sr. Finoplentov.

– E o senhor não sabe? É neste lugar aqui, que se forma no punho, na altura da base do polegar, quando você o estica, é onde se coloca o rapé, bem aqui! Para a sangria é no primeiro ponto; pois julguem por vocês mesmos: nos braços corre o sangue das veias, mas aqui não há problema. Os médicos não sabem de nada, nem poderiam; de onde são esses alemães miseráveis? Os ferreiros executam melhor.